

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

IVONI GRANDO

**SEXUALIDADE FEMININA E PROSTITUIÇÃO:
QUESTÃO DE GÊNERO E NÃO DE SEXO**

São Paulo

Agosto de 2008

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO

PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

IVONI GRANDO

**SEXUALIDADE FEMININA E PROSTITUIÇÃO:
QUESTÃO DE GÊNERO E NÃO DE SEXO**

Monografia apresentada pela aluna Ivoni Grandó ao Centro Universitário Salesiano de São Paulo, como requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Sexual, sob orientação da professora Ana Cristina Canosa Gonçalves.

São Paulo

Agosto de 2008

Grando, Ivoni

Sexualidade Feminina e Prostituição: questão de gênero e não de sexo.
São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008, 54 f.

Monografia “Especialização em Educação Sexual.” UNISAL – SP

Orientadora: Professora Ana Cristina Canosa Gonçalves.

Inclui bibliografia.

Faculdade de Teologia – Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

Dedico à Professora Ana Cristina Canosa Gonçalves,
pelo exemplo de dedicação e amor à Educação Sexual.

Aos adolescentes, pela paciência em acompanhar a
elaboração desta monografia e por contribuir
eficazmente no meu processo de desconstrução
de preconceitos e por ampliar o horizonte da compreensão
antropológica da sexualidade humana e feminina;
e as mulheres empobrecidas inseridas em contexto de prostituição
e que cotidianamente lutam por melhores condições de vida.

“A ARTE DE CAVAR TÚNEIS”

*Estou a cavar túneis
Enquanto busco sentidos
Cavando túneis diariamente
Buscando minas insistentemente...*

*Estou a cavar túneis
Lapidando pedras
Rompendo solos
Trocando raízes
Estremecendo cascalho*

*Difícil arte de cavar
Longo processo
Contínuo e preciso
O movimento de revisar*

*Cavando túneis diariamente
Buscando à mina chegar
Túneis a cavar até encontrar...*

*Descendo túnel
Na escuridão
Ou no clarão
Descendo...
Lapidando até o chão!*

*Difícil é cavar
Preciso, porém
Aquele que ousar*

*Fernanda Priscila Alves da Silva. Reflexão sobre a “arte de cavar túneis”,
o processo educativo, a pedagogia da aprendizagem de si mesma e do mundo. 2008.*

RESUMO

Nessa monografia, buscou-se a compreensão da sexualidade humana como componente fundamental da pessoa através do modo de ser e de relacionar-se com os outros e com o cosmo.

Os estudos indicam que a sexualidade é construção histórica, e seus significados mudam conforme a época e as novas possibilidades econômicas, culturais e tecnológicas.

As relações de gênero determinam os comportamentos femininos ou masculinos e a sexualidade, que é processo de aprendizagem, está marcada muitas vezes por diferenças e desigualdades nas relações de gênero, ficando a sexualidade feminina afetada nos níveis de valorização, de violência e de trabalho, dando um tratamento ambíguo para a mesma e reforçando a estrutura patriarcal.

Assim, a prostituição feminina é marcada pelo estigma de transgressão sexual como prática perversa e condenada socialmente.

O conceito “a prostituição é a mais antiga profissão do mundo” é passado de uma forma acrítica, materializando e generalizando a ideia da condição inferior das mulheres ao longo da história, despossuídas de seus corpos e de sua condição de sujeito no social e no político.

No ato prostitucional, as mulheres ficam reduzidas, apenas, a corpos de prazer, mera anatomia, aptas a serem usadas e consumidas pela demanda, mas também pode-se observar que a prostituição é um espaço onde a mulher exerce o seu poder. Talvez seja aí onde ela o assuma de forma mais eficaz.

No entanto, o exercício da prostituição pode deixar marcas profundas na vida de algumas ou muitas mulheres que desejam alternativas de vida. Daí a importância de trabalhar a autoestima. Nesse aspecto, a Psicologia dá uma contribuição significativa.

PALAVRAS-CHAVES: Sexualidade, Relação de Gênero, Mulher, Prostituição Feminina, Autoestima, Resgate, Patriarcado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A SEXUALIDADE COMO BASE PRIMORDIAL DA IDENTIDADE.....	9
1.1. Uma compreensão mais ampla da sexualidade.....	9
1.2. Definição de Identidade.....	13
2. A SEXUALIDADE FEMININA E SUA CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA HISTÓRICO-SOCIAL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	18
2.1. Definição de Gênero.....	19
2.2. Desenvolvimento da Identidade de Gênero.....	21
2.3. Papéis de Gênero.....	23
2.4. A Família: uma Instituição Patriarcal como Transmissora e Modeladora da Sexualidade e sua Constituição Cultural.....	25
3. SEXUALIDADE QUE ARTICULA COM O CORPO E SUA CONSTRUÇÃO CULTURAL.....	29
3.1. O Corpo Feminino e a Prostituição.....	34
3.2. O Corpo que tem Poder.....	36
3.3. A Psicologia da Prostituta.....	40
4. PROPOSTA DE AÇÃO: REFORÇO DA AUTOESTIMA DA MULHER PROSTITUTA.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

O desejo de compreender as características da sexualidade humana, em particular a sexualidade feminina e sua construção imaginária na perspectiva de gênero e, assim, favorecer o fortalecimento da autoestima da mulher e especificamente a mulher pobre em situação de prostituição, foi o que me levou a desenvolver este trabalho.

No contato de cinco anos com essa realidade, surgiu a curiosidade em compreender as falas e conflitos trazidos pelas mulheres que participam dos Projetos de Pastoral da Mulher em Situação da Prostituição e, particularmente, na vivência com aquelas que se prostituem no centro de Belo Horizonte / MG. O reflexo da realidade sócio-político-econômico em que estão as mulheres que exercem a prostituição é marcado por um índice de significativa miséria, violência, consumo de drogas e álcool, exclusão e estigmatização social. São mulheres procedentes de outros Estados e do interior de Minas Gerais, onde viveram os mesmos problemas da população de suas cidades, miséria e precárias condições sócio-culturais. Estão numa faixa etária situada entre 21 a 60 anos. No Projeto da Pastoral da Mulher, no município de Juazeiro / BA, o perfil sócio-político-econômico é de significativa pobreza, violência, analfabetismo, desemprego e desestruturação familiar. A faixa etária do público varia de 15 aos 63 anos e são provenientes das cidades do interior da Bahia.

Ao longo da história, a nossa cultura foi estabelecendo relações de gênero desiguais, nas quais houve desvalorização significativa da mulher e da feminilidade, numa relação de dependência e de submissão ao homem e de violência, dando um tratamento ambíguo e classificando-as em boas ou más, santas ou pecadoras.

Aquelas que transgridem as normas de controle (as pecadoras) são discriminadas e castigadas, como é o caso das mulheres inseridas em contextos de prostituição, constituindo assim uma categoria de transgressão sexual com práticas perversas e condenadas socialmente, mas que é lucrativa para o sistema.

Nessa perspectiva, a prostituição é compreendida como a entrega do próprio corpo a outros em troca de dinheiro. Em maior número, a prostituição é exercida por mulheres, mas homens e crianças também envolvem-se nessa prática. Uma das causas

principais da prostituição da baixa renda é de ordem econômica e afeta especialmente as pessoas pobres.

O presente trabalho se desenvolverá em três capítulos, além das considerações finais: o primeiro procura aprofundar uma compreensão mais ampla da sexualidade e como se desenvolve a identidade sexual do ser humano; o segundo aprofundará a sexualidade feminina e sua construção imaginária histórico-social na perspectiva de gênero; e o terceiro a sexualidade e sua construção cultural, articulando corpo feminino, prostituição e poder e a psicologia como instrumento de compreensão da psique desta mulher.

1. A SEXUALIDADE COMO BASE PRIMORDIAL DA IDENTIDADE

1.1. Uma compreensão mais ampla da sexualidade

A sexualidade humana é construída ao longo da história pessoal do indivíduo, vinculada às formas de relação interindividuais. Ela é uma realidade rica e complexa que se relaciona ao modo de estar no mundo e de relacionar-se como pessoa masculina ou feminina. Qualquer reducionismo em sua compreensão ou polarização em alguns de seus componentes empobrece a vivência da sexualidade e repercute na pessoa como um todo. Ela é um componente fundamental da personalidade do ser, expressão de vida: ação, energia, pulsão, libido. Perfila características de se manifestar, de se comunicar com os outros e viver intensamente em todas as dimensões da vida.

A sexualidade se enraíza no biológico e é necessário levar em conta esta dimensão para compreendê-la. Nossos desejos e comportamentos sexuais dependem, entre outros fatores, dos hormônios sexuais, da idade, da figura corporal e do nosso estado físico geral. No entanto, embora a dimensão biológica seja forte e essencial, a sexualidade não se reduz ao âmbito dos impulsos genitais; não se define pela genitalidade e nem pelo ato sexual.

A grande ampliação do entendimento da sexualidade foi iniciada por Freud (1905) que, além da forma genital, percebeu manifestações outras. Ao construir a teoria psicosexual infantil, revelou que a criança tem característica “perversa polimorfa”, ou seja, encontra e busca satisfação sexual em outros órgãos que não os genitais. Dessa forma, durante os primeiros anos de vida, o bebê erogeniza a boca e o ato de sugar, registrando em sua memória estes prazeres, satisfazendo parcialmente a pulsão sexual de forma pré-genital. Em sua teoria, Freud vai explicando como as crianças obtêm prazer sexual de maneira autoerótica nos primeiros anos e, desta forma, como vamos canalizando a pulsão sexual para diversas atividades e comportamentos. Portanto, a sexualidade abrange toda a pessoa. É uma realidade dinâmica, por isso não ocorre integralmente de uma só vez, tem seu caráter evolutivo desde o nascimento até a morte, passando por diversas etapas. A evolução sexual tem uma dinâmica interna, sendo necessário que passe do interesse centrado em si mesma ao interesse voltado aos outros, do autoerotismo ao sair de si, ir ao encontro do outro.

A sexualidade humana pode ser satisfeita, reprimida, ser prorrogada a sua satisfação, sublimar-se e orientar-se por um objeto de satisfação diferente.

Pode também ser pensada em diversas dimensões. A dimensão físico-genital apresenta três funções: reprodutiva, erótica e comunicativa. E uma boa formação anatômico-psicológica ajuda a compreender a evolução do eu sexual e, como consequência, a adequada identificação de cada pessoa como homem ou como mulher.

John Money, psicólogo clínico norte-americano, divide em fases a definição sexual, sendo a fecundação a primeira encruzilhada do desenvolvimento da sexualidade humana. Porém, a determinação do sexo biológico da futura criança é dada pelo pai. A definição do masculino e feminino se dá na sétima semana da gestação; o cromossomo y (do par xy) ativa o lado masculino do embrião mediante uma combinação química que forma os testículos e a estrutura feminina se retrai, sem se desenvolver, mas continua existindo a parte feminina no homem durante todo o seu existir. Já na estrutura feminina, o xx, com o encontro do cromossomo x masculino, ativa a formação de uma futura menina, desenvolvendo a formação dos ovários e as mulheres também sempre terão dentro de si a parcela masculina.¹

A dimensão psico-afetiva se refere aos componentes do mundo psíquico da pessoa, tais como: sentimentos contraditórios, sensações, emoções e paixões, vivências internas, abandono ou aceitação e da relação com os outros e a comunicação.

É a partir da dimensão psicológica que se percebe melhor o processo de maturação da pessoa e da sexualidade através das etapas: a uterina, a infantil, a da adolescência, a juvenil, a adulta e a terceira idade. Cada uma com suas características próprias. Os fatores psicológicos têm sua importância significativa no que se referem a possíveis inibições, exasperações ou mesmo desvio de comportamento.

“O aspecto da afetividade é bastante complexo de definir. Ele é um desdobramento da sexualidade, a qual é compreendida como uma energia que perpassa todo o humano, empurrando-o para fora de si mesmo, estabelecendo laços com os outros e com o mundo circunstante. Já a afetividade é constituída pela ressonância interna que o contato com o mundo externo e com os outros vai deixando impresso nas profundezas de cada pessoa. A sexualidade é uma energia que empurra, tanto para fora quanto para dentro, como um impulso, uma energia ativa. Já a afetividade é uma energia passiva. Ela acolhe as impressões percebidas

¹ DA COSTA, P. R. **Os onze sexos, as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Kondo Ed., 2005, p. 18 e 19.

pelos sentidos, somos afetados pelas impressões que vêm de fora, somos marcados de modo mais ou menos profundo tanto positiva como negativamente.²

A sexualidade e a afetividade na vida humana se estruturam e são vivenciadas também no inconsciente, portanto não podem ser esquecidos certos mecanismos psíquicos que entram em ação seja para impulsionar, seja para bloquear o desenvolvimento da pessoa. Podem-se citar alguns: fixação numa determinada etapa de desenvolvimento, regressão, repressão, busca de substituto, de compensações e muitos outros mecanismos que entram em ação nas negociações psíquicas entre desejo e satisfação, prazer x realidade.

A sexualidade, a partir do encontro e da comunicação com o outro, tem a ver com a experiência que fundamenta e estrutura o ser amado e o amor. A partir daqui a relação orienta a vivência da sexualidade: a relação interpessoal de amor incondicional é o que também dá sentido à sexualidade humana.

Na medida em que o exercício da sexualidade se distancia da experiência de ser amado e de amar, ele perde o manancial de que se alimenta e obscurece seu significado principal: o amor.

“É preciso fazer uma pedagogia do amor, começando cada um por si mesmo. O mau caminho busca antes o prazer sexual que o amor. Isso leva a um consumo de sexo que se afasta do sentido profundo do encontro amoroso. O parceiro nas relações sexuais não tem importância como ser pessoa, só enquanto ser físico. Quem só busca o sexo não precisa de outra pessoa, apenas quer tirar proveito dela e nada mais. Essa relação se transforma em algo pobre, hedonista, enfadonho, egoísta (...). Contato superficial, trivial, frágil, insignificante. O argumento estatístico de que muita gente faz isso, que hoje a vida é assim, que esses são os tempos que correm não vale. O fato de duas pessoas se entregarem intimamente sem amor desvirtua tudo. O que se consegue sem preço, imediatamente, sem esforço e sem compromisso, não é apreciado e vai perdendo seu valor e, em grande parte, também sua atração.”³

A dimensão social se refere aos papéis ou funções sexuais atribuídas a cada gênero em sua sociedade de origem, relacionados às instituições, tradições, costumes, famílias, legislações etc. Os papéis sociais são modelos de comportamentos que não são dados pela Biologia, mas pelo âmbito das culturas, das relações de poder e de sua

² MOSER, A. **O Enigma da esfinge: a sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 55 e 56.

³ SATRE, J. , NIETO, F. **Às voltas com o sexo**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007. In: ROJAS, E. Amor y sexualidad. Madrid: Ed. ABC, 1990, p. 48.

inserção no processo produtivo. A sexualidade originária, mediante a socialização, pode ser moldada em qualquer direção. Homem e mulher podem ser construídos igualmente seres agressivos, dependentes, passivos ou cooperativos, criativos e pacíficos.

Os valores também orientam a sexualidade, assim, a dimensão ética contribui para formar as ideias, crenças e opiniões; portanto vivemos a sexualidade em relação a valores em que acreditamos. A sexualidade não é algo só natural, o modo como a vivemos implica uma forma de nos vermos e nos relacionarmos com o mundo. Por exemplo, uma suposta ética evita pensar e usar as pessoas como objeto, mercadoria ou instrumento de exploração sexual que vai da prostituição infantil ao comércio mundial de tráfico de seres humanos.⁴

“O tráfico de mulheres apresenta-se, assim, como uma das formas de violência com base no sexo, a par da violação, violência doméstica e homicídios por motivos de honra. Por ano, em todo o mundo, 4 milhões de pessoas, incluindo crianças, são vítimas do crime de tráfico para fins sexuais. Segundo as Nações Unidas, cerca de 700 mil pessoas são vítimas de tráfico para fins de exploração laboral, sabendo-se que este crime envolve, frequentemente, a exploração sexual.”⁵

A dimensão simbólica da sexualidade é outro meio de expressar sentimentos, afetos, entrega a outra pessoa, a construir um projeto de vida em comum e dar sentido a sua vivência sexual. O simbolismo está inserido na cultura desde os primórdios da civilização, sendo os desenhos, imagens, palavras e sons repletos de significado. Como a sexualidade nem sempre pôde ser expressa de maneira explícita, são muitos os símbolos pelos quais ela foi representada, tanto em seu caráter genital, quanto amoroso. Também cada pessoa internaliza significados simbólicos, com os quais filtra os estímulos externos e expressa os internos. Muitas vezes, é através do entendimento do significado simbólico das dimensões da sexualidade para a pessoa, que um casal, por exemplo, pode compreender o sentido que cada um dá, valoriza ou nega as palavras e ações do(a) companheiro(a), podendo, a partir desta compreensão, negociar atitudes e melhorar a comunicação e o comportamento sexual.

Através da dimensão religiosa espiritual, a sexualidade da pessoa pode estar aberta à transcendência: a relação Eu-Tu. Pode situar como fundamento e fim último

⁴ Apud SATRE e NIETO, 2003, p. 38.

⁵ OBAID, T. **Tráficos, prostituição e exploração sexual: questões de saúde sexual e reprodutiva, de gênero e direitos humanos**. Disponível em: www.min-saude.pt/mr/rdonlyres. Acessado em: 19/08/2008.

dessas relações esse Tu o Deus da Vida pessoal e comunitário que criou todo o corpo humano com a beleza divina e viu que sua criação era boa (Gn 1,26).

Como descrevemos, a sexualidade vai se configurando através das diferentes etapas do desenvolvimento psico-evolutivo: infância, puberdade, adolescência, juventude, idade adulta e terceira idade. Suas várias dimensões se inter-relacionam, formando em cada pessoa uma identidade sexual, ampla, complexa e singular. Esta identidade é influenciada também pelos fatores educacionais, familiares, econômicos e culturais.

1.2. Definição de Identidade

Bem antes do nascimento, a criança já é influenciada na construção de sua identidade diante das expectativas que os pais colocam sob a mesma: homem ou mulher.

Com o avanço da Medicina e da tecnologia, durante a gestação de uma criança, diz-se que ela é menino ou menina a partir do que representa em termos de genitália externa. Mas, ser homem ou mulher é um processo longo e complexo na história de vida dessa pessoa, que só começa com o reconhecimento de si mesmo ou a formação da identidade pessoal, passo inicial da estruturação da personalidade. Processo esse (ser eu mesmo) que se expressa pela capacidade de distinguir os desejos, as pulsões, a necessidade e a realidade.

Após o nascimento, constrói-se a identidade num processo simbólico na relação com as figuras parentais, em interação com o meio onde ela está inserida. Dependendo da qualidade dessa interação, forma-se a base de intercâmbio entre a criança e o seu meio econômico, social, cultural etc. Até expressar-se como individualidade, em atitudes e sentimentos sobre o eu, precisará superar dependências externas para viver, pois nelas reconhece os apoios e referências. À medida que a pessoa avança no seu processo de desenvolvimento, sente-se livre de muitas amarras internas (tais como instintos, sentimentos) e externas (pressões sociais).

A pessoa entra em contato com as representações do “estar- sendo” e, a partir daí, comunica-se consigo mesma, com os outros, com a realidade, com o transcendente. Esse processo é acompanhado pela passagem de uma sensação de dispersão a uma

sensação de unidade que harmoniza o que está fazendo. E, como resultado final, a aceitação de si mesma como homem ou como mulher, e o aceitar-se como “estando”.

Na construção da identidade, um componente importante é a identidade sexual. Segundo Money e Tucker, que são pioneiros nos estudos da identidade sexual, o senso de si mesmo como homem ou como mulher é a experiência pessoal ou privada do papel sexual. A identidade consiste no quanto a pessoa diz ou faz para indicar aos demais ou a si mesma, o quanto se é homem e quanto se é mulher ou ambivalente. Assim, o papel sexual é a expressão pública da identidade, ou um conjunto de condutas esperadas e associadas à sexualidade e socialmente exigido do indivíduo, de acordo com o seu gênero.⁶

A identidade sexual é, dessa forma, configurada mais adequadamente como identidade de gênero devido à diferença entre os conceitos de sexo e gênero.

E, finalmente, a identidade sexual deriva da identidade pessoal que se baseia em sentimentos de unicidade, continuidade e mesmidade.

“Os conceitos de identidade são os mais diversos possíveis, indicando um vasto campo de debate. Para os teóricos contemporâneos, um dos principais pressupostos é o fato da identidade não possuir caráter fixo ou permanente, estando em constante (des)construção. A identidade seria constituída e alterada de acordo com os modos pelos quais pessoas são representadas nos seus sistemas culturais.”⁷

A aquisição da identidade sexual compreende a base biológica e as fases de desenvolvimento desde a concepção, passando pela expectativa dos pais, como esta criança é esperada ou não e como é acolhida após seu nascimento, sua vivência nas fases da evolução sexual. A partir dos primeiros meses de vida, desenvolve-se na criança uma vida sexual e emocional intensa. Este período é fundamental no estabelecimento da estrutura da personalidade e para o estabelecimento da identidade sexual.

⁶ MONEY e TURCKER, 1981 In: DA COSTA, R.P. **Os onze sexos as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Kondo Ed., 2005.

⁷ HALL, E. 2005. In: CAMARGO, A.M. **Relações entre mulheres na prostituição**. Texto apresentado pela autora por ocasião da conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. p. 4.

Segundo a Psicanálise, a sexualidade infantil tem características importantes, satisfaz-se do próprio corpo, vai se fixando em regiões eróticas diferentes em funções de diversas necessidades fisiológicas que mais tarde se separam da sexualidade.

Para Sigmund Freud (1905), fundador da Psicanálise, é na infância que a pessoa começa a desenvolver sua identidade sexual. Ele definiu em quatro as etapas do desenvolvimento psicosexual infantil (fase oral, anal, fálica e genital), cruciais para o entendimento da canalização da pulsão sexual.

Através do contato com a mãe o eu vai se formando no corpo, passando-se do corpo, identificando-se com o corpo. É através da pele que a criança entra em contato com o mundo e se diferencia dele. É através do trato alimentar com sua zona oral que se descobre o prazer no fenômeno da sucção, etapa essa de significativa importância na vida afetiva da criança, pois a relação de ternura e segurança entre mãe e filho permitirá a maneira de estabelecer vínculos no futuro.

A fase anal une o prazer à função fisiológica, a criança tem um sentimento corporal que vai discriminando através do contato. Ela tem a primeira experiência do domínio sobre uma atividade pessoal e vive esse domínio como resposta de amor ou de agressividade diante da mãe ou a pessoa substituta que insiste com a criança o controle dos esfíncteres.

Até aqui estão lançadas as bases para a identidade sexual e para a identidade de gênero. A criança continua se desenvolvendo, amplia a autonomia que se intensifica na medida em que o sistema nervoso motor vai adquirindo controle sobre e uma identificação cada vez maior com o corpo.

No próximo período do desenvolvimento à fase genital, as descobertas das sensações prazerosas pelos meninos e meninas são oriundas da manipulação de seus órgãos genitais.

A criança e os pais estão diante do primeiro encontro com o tabu do incesto da fase edípica – um tabu fundamental em nossa cultura para a formação da masculinidade e da feminilidade – momento importante e decisivo na evolução da sexualidade humana.

Para chegar à maturidade sexual, a criança deve estabelecer a primazia da região genital sobre as outras regiões erógenas, passar do autoerotismo (narcisismo) ao amor objetal.

A fase da latência traz, no que tange à sexualidade, a busca da identidade de gênero, uma vez que ela já está estabelecida. A busca da criança é estabelecida em seu papel de menino e de menina. É uma fase de tranquilidade – latência da sexualidade. É o período social da criança.

Após esse período de tranquilidade da energia sexual, chega à eclosão da puberdade e da adolescência, o segundo estirão, a época de concretização da identidade de sexo e da identidade de gênero já está constituída. Na adolescência, essa identidade vai ser colocada à prova através do exercício da sexualidade genital.

Para a Psicanálise,⁸ a menina passa por castrações: quando vai buscar *o falo* na mãe e não o encontra. Volta-se para o pai no amor edípico, mas aí é castrada pela mãe, que tem o pai. A rivalidade feminina típica do processo de identidade sexual muitas vezes torna difícil o processo de ser mulher, principalmente quando as mães não conseguem entender os gestos edípicos de suas filhas e rivalizam além da conta, castrando não só os desejos edipianos pelo pai, mas a menina como um todo. A mãe tem papel importante como modelo de mulher, aquela que acolhe e a que limita. Mães só acolhedoras impedem que a menina saia do narcisismo e estabeleça relações, frequentemente com autoestima comprometida. Portanto, torna-se necessário que a mãe coloque limites nesta relação edipiana.

Os pais incestuosos, possessivos, geram mulheres narcisistas ou inseguras para estabelecer relações com outros homens. Pais ausentes podem deixar uma marca de abandono, rejeição, promovendo na garota uma necessidade de ser amada a qualquer custo, nem que tenha que se submeter aos domínios do outro. Pais agressivos, violentos e abusadores, podem “coisificar” suas filhas, tomando-as objetos sem valor afetivo. Engrandecer-se como ser humano, nesses casos, é uma luta árdua, que poderá ser vencida pela garota com a ajuda de mães protetoras, famílias continentas e sociedade participativa.

⁸ GONÇALVES, A.C.C. **Incesto: visão psicanalista**. Comunicação pessoal. Aula do Curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Sexual do UNISAL. São Paulo, 2007.

Os modelos parentais são fundamentais na construção da identidade sexual, sendo discutida mais adiante nesse trabalho sua influência na vivência da sexualidade da mulher prostituta.

2. A SEXUALIDADE FEMININA E SUA CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA HISTÓRICO-SOCIAL NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

O processo de contextualização da função da mulher nos diferentes momentos históricos da humanidade passou pelas relações de poder, muitas vezes marcado por conflitos e contradições que carregam estereótipos, formando, assim, o estigma de desvalorização social.

Cabe dizer, no entanto, que as mulheres têm resistido a este processo discriminatório imposto pela diferença de sexo. A história da humanidade foi caracterizada por uma prática que restringiu a mulher a um campo de ocupações que a rebaixa em sua condição social.

Dentro desta conjuntura, estabelecem-se relações de desigualdades que garantem aos homens espaços das relações de trabalho, em função de maior ascensão social e econômica. Ao mesmo tempo, limita o trabalho da mulher a funções domésticas.⁹ Ao longo da história da humanidade, a mulher foi superando as diferenças biológicas e se inseriu mais efetivamente na sociedade, porém foi a luta do movimento feminista, que coloca no centro da consciência educativa e da reflexão, o problema de gênero.

Neste cenário de luta no século XX, acontece uma ruptura circunstancial do submundo da mulher, a qual parte para a ocupação de novos espaços sócio-políticos e culturais.

Dentro desta linha de pensamento, é importante repensar a trajetória da mulher a partir da ruptura do paradigma clássico e universal do sujeito masculino como único protagonista da história da humanidade.

De acordo com a Antropologia, há um reconhecimento em todas as sociedades existentes, tanto no passado quanto no presente, daquilo que é denominado como “complexo de supremacia masculina”.¹⁰ Aqui, encontramos toda uma estrutura social definida pelo patriarcado.

⁹ MUNHOZ, A. **Compreensão de Gênero**. Comunicação pessoal. Faculdade de Teologia. Belo Horizonte: Instituto Santo Tomas de Aquino, 2006.

¹⁰ PUELO, H. A. **La mujer marginada: una cuestión de género y no de sexo**. Madrid: Ed. Covarrubias, 1996, p.12.

O sistema de patriarcado contém elementos de coerção e elementos de consentimento, sendo que o primeiro foi combatido pelo sufrágio que exigiu e obteve o direito ao voto, a livre disposição dos bens e outros direitos civis. Temos, assim, uma longa luta iniciada em 1848 (declaração de Sêneca Falls). Por outro lado, o patriarcado de consentimento tem sido denunciado pela chamada “segunda hora” do feminismo, que surge por volta dos anos 1960 e 1970 e continua até hoje dando frutos em vários âmbitos.¹¹ Tivemos, assim, algumas fases que contribuíram para a construção imaginária, histórica e social desde a perspectiva de gênero. Portanto, não se pode negar toda a história do feminismo.

Encontramos três fases: a primeira datando de 1788-1968, trazendo as correntes liberal-sufragista e a socialista; a segunda fase de 1968-1983/84, correspondendo ao período dos movimentos de mulheres autônomas e as primeiras elaborações teóricas sobre o feminismo, sobretudo deste a obra de Simone de Beauvoir (*O Segundo Sexo*, 1949); e, por fim, temos a terceira fase (1984-2005) e neste momento o feminismo avançou principalmente com seu ingresso nas universidades e com a reflexão entre o público e o privado.¹²

Esta breve referência ao movimento feminista abre nova discussão sobre gênero, pois este movimento, com certeza, contribuiu e tem contribuído para a construção deste imaginário histórico social.

2.1. Definição de Gênero

O conceito de gênero é uma categoria teórica que visa a fazer uma análise crítica da biologização do sexo.¹³ Este conceito está relacionado a comportamentos de homens e mulheres em nossa sociedade. O que define o que é ser homem ou mulher não é meramente um dado biológico, mas envolve outros aspectos. Neste sentido, a discussão sobre o que é gênero propõe uma desconstrução da ideologia que afirma o ser humano estritamente como ser biológico. Este referencial de gênero busca apontar determinantes histórico e sócio-culturais que imprimem a diferenciação e rigidez do gênero feminino e

¹¹ PUELO, H.A. *La mujer marginada: una cuestión de género y no de sexo*. Madrid: Ed. Covarrubias, 1996, p. 13 e 14.

¹² MUNHOZ, A. *A pré-história da teologia feminista*. Texto elaborado pela professora e trabalhado na aula de Teologia Feminista. Belo Horizonte: Instituto Santo Tomás de Aquino-ISTA, maio de 2005.

¹³ ROESE, A. *O que é Gênero - relações e gênero, feminismo, masculinidade, patriarcado*. Curso: Bíblia e Gênero. Belo Horizonte: CEBI/ISTA, 2005.

masculino das estruturas de poder hierárquico e autoritário atreladas à construção social, cultural e histórica.

Existe uma diferença entre sexo e gênero. O primeiro se relaciona com o dado biológico e, a partir desta ideia, a sociedade desenvolveu conceitos do que é ser homem e mulher, sobre o que é ser feminino ou masculino, definindo o segundo ponto. Esta ideia de que ser homem ou mulher irá definir as representações de gênero, ou seja, como deve ser a relação entre homem e mulher, homem e homem, mulher e mulher. Neste sentido, o conceito de gênero implica uma relação. As relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais, por isso não são naturais. São criações da sociedade.

“Gênero é um conceito útil para explicar muitos dos comportamentos de mulheres e homens em nossa sociedade, ajudando-nos a compreender grande parte dos problemas e dificuldades que as mulheres e os homens enfrentam no trabalho, na escola, na vida política, na sexualidade, na família, nas igrejas e religiões. Quando falamos em sexo, estamos nos referindo aos aspectos físicos e, biológicos de macho e fêmea, àquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas das nossas vidas.”¹⁴

O gênero entendido como construção social não se apresenta da mesma forma em todas as épocas e lugares, depende dos costumes, da experiência cotidiana das pessoas, variando de acordo com a sociedade, a política, religião e a forma de organizar a vida ao longo da história.

As relações de gênero são criadas pelas próprias pessoas. Isto quer dizer que não nascemos com determinada característica, mas que aprendemos ao longo da vida. Dentro deste processo de aprendizagem, constroem-se diferenças e até mesmo desigualdades nas relações de gênero. Os primeiros contatos com o mundo influenciam nesta construção. Nas famílias, se há relações desiguais, isto irá influenciar na construção de gênero que se faz. Aqui, percebemos que há normas de gênero que vão sendo estabelecidas. Estas normas de gênero (sociais) influenciam o comportamento de homens e mulheres.

Podemos então falar em relação entre as normas de gênero e a nossa identidade, ou seja, é na sociedade e nas relações que aprendemos como é ser uma mulher ou ser

¹⁴ NEGI, Núcleo de Estudos de Gênero. **Diferentes, mas não desiguais**. Belo Horizonte: ISTA, 2005, p. 02.

homem. A identidade de gênero, por sua vez, se relaciona com o desenvolvimento psicológico e também sexual. Ela será construída ao longo da história e da vida de cada pessoa.

Podemos falar ainda da relação entre gênero e sexualidade. Nossa sexualidade não é dada pela natureza¹⁵, nascemos com um sexo, mas nossos comportamentos têm ligação direta com a forma como as relações de gênero estão organizadas na sociedade, que determinam os comportamentos “femininos” ou masculinos. Sendo que a sexualidade é uma vivência que é construída no processo de aprendizagem, está, muitas vezes, marcada por diferenças e desigualdades nas relações de gênero.

2.2. Desenvolvimento da Identidade de Gênero

O desenvolvimento da identidade de gênero deixa sua primeira marca desde quando se dá o nascimento: “É uma menina” ou “É um menino”, pela observação de sua genitália externa, e no registro no cartório, documento esse que vai dar a confirmação perante a sociedade.

Porém, não é só esse documento que vai determinar a formação de uma identidade de gênero masculino ou feminino, mas muitos outros fatores contribuem. O modo como os pais se relacionam com uma menina, que julgam ser mais delicada do que o filho homem, para quem se tem um tratamento mais firme.

O complexo de socialização em que pais, professores, autoridades, amigos, leituras e meios de comunicação influenciam e determinam atitudes/comportamentos interpretados a partir do biológico-sexual, está presente em uma determinada cultura com toda a simbologia social dos órgãos e fenômenos sexuais. Por exemplo: a partir do “pênis”, o masculino é interpretado como quem toma a iniciativa, o agressivo, o importante. Também em relação ao poder, pode ser feita a leitura de que a “vagina” prende e domina o “pênis”, porém esta leitura culturalmente foi mal vista e não se fez, principalmente no ocidente.¹⁶

¹⁵ NEGI, Núcleo de Estudos de Gênero. **Diferentes, mas não desiguais**. Belo Horizonte: ISTA, 2005, p. 07.

¹⁶ SATRE, J., NIETO, F. **Às voltas com o sexo**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007, p. 50.

Outra influência se dá no relacionamento da mãe e do pai com a criança que está sendo gerada. Para a mãe, a criança e ela são uma única realidade, pois a mãe sente essa criança como ela mesma. Já para o pai, esse filho ou filha existe na imaginação, não está dentro do seu próprio corpo. O relacionamento com a mãe e com a criança passa por algumas etapas de desenvolvimento psicológico a partir do desenvolvimento biológico. Após o nascimento, para a criança, a mãe e ela são uma única realidade. Aos poucos vai se dando a separação e a criança percebe que a mãe é a mãe e ela é ela. São diferentes. Por volta dos dois anos e meio, a criança tem uma identidade genital, já sabe que tem um “pênis” ou uma “vulva” e desde essa fase sente-se menino ou menina. A identidade de gênero já está constituída para a vida toda. Será para sempre e ou para alguns ficará no inconsciente até a idade adulta. Em um determinado momento de sua vida faz-se a opção: ser masculino ou ser feminino.¹⁷

Para Robert Stoller, médico e psicanalista norte americano, todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de concepções pelas quais se considera socialmente o que é masculino e feminino. Convicções essas obtidas através dos pais, especialmente na infância, sendo que estas convicções/attitudes são semelhantes àquelas mantidas pela sociedade.¹⁸ Este núcleo de identidade não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas pode associar os novos papéis a essa massa de convicções. O núcleo da identidade de gênero se constrói na socialização a partir da rotulação do bebê enquanto menina ou menino. São as sensações internas de sentir-se pertencente ao gênero: masculino ou feminino.

Stoller (1993) apresenta cinco fontes das quais resulta a identidade de gênero nuclear:

1. de uma força biológica originada na vida fetal, comumente genética, em sua origem e compreende os cromossomos masculinos (XY) e femininos (XX);
2. da designação do sexo do bebê, que por sua vez é resultante da observação direta dos genitais externos desde “pênis” e “vagina”;
3. da influência das attitudes do pai e da mãe e da interpretação destas percepções por parte do bebê, que em nossa compreensão adequamos

¹⁷ DA COSTA, P.R. **Os onze sexos, as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Ed. Kondo, 2005, p.36 e 37.

¹⁸ STOLLER, R, 1993, p. 29 e 30, In: SILVA, S.G. 2002. **Conflito Identitário: sexo e gênero na constituição das identidades**, 04/01/02. Disponível em: www.glssit.net/colonista/silva/pis.12.12htm. Acessado em: 31/03/08.

chamar esse terceiro estágio de processo de socialização, na qual a criança passa a internalizar regras culturais;

4. de fenômenos bio-psíquicos do sexo da pessoa, efeitos pós-natais precoces, causados por padrões habituais de manejo com o bebê; e
5. do desenvolvimento do ego corporal, ou seja, qualidades e quantidades de sensações pelas quais o indivíduo passa, sobretudo nos genitais, que definem o físico e ajudam nas dimensões psíquicas do sexo da pessoa, a qual, no nosso entender, refere-se ao processo de identificação da criança com o genitor do mesmo sexo, proposto por Freud como uma das propriedades do complexo de Édipo¹⁹.

Portanto, a identidade de gênero se dá através da percepção de que se pertence a um sexo e não a outro; é um conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem, conseqüentemente, quais são os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de ser vista, de falar e agir, de forma semelhante para homens e mulheres.

As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do indivíduo, porém não são estruturas fixas, encerradas em si mesmas e sim podem e estão continuamente se renovando, em ebulição e a cada momento podem ser novamente moldadas de outras formas. Elas são impostas pelo processo de socialização que impedem construções singulares e que serão respondidas pelo sujeito através dos papéis de gênero que lhe são impostos.

2.3. Papéis de Gênero

A expressão papel de gênero apareceu pela primeira vez na literatura em 1955, utilizada por John Money. Em 1966, surge “Identidade de Gênero”. Money (1993) apresenta a ideia de que sexo é o componente orgânico/genético, e gênero masculino e feminino como nos tornamos socialmente.

¹⁹ SILVA, S.G. **Conflito Identitário: sexo e gênero na constituição das identidades**, 04/01/02. Disponível em: www.glssit.net/colonista/silva/psic.12.htm. Acessado em: 31/03/08.

Os papéis de gênero são muito diferentes de um lugar para outro do planeta, também mudam no interior de uma mesma cultura, são mutáveis cultural e historicamente. São expectativas que a sociedade espera que pessoas de determinado gênero desempenhem.

Os papéis sociais são aprendidos no processo evolutivo e no processo de socialização de todo o ser humano, assumidos ao longo da vida; portanto, antes de tudo, são resultado da cultura. Homens e mulheres tendem a adaptar-se, a fazer o que deles se espera. Ou seja, adaptar-se a cumprir o papel que a sociedade lhes atribui.

Mas para manter um equilíbrio saudável é preciso ter sintonia entre o sentir e o agir. Caso contrário, se dá o conflito entre a identidade de gênero que se desenvolve durante a vida.

Os papéis são ditados pela sociedade e definidos em termos de roupa, atitudes, interesses, falas e ocupações que a pessoa assume num determinado momento ou um modo como reagir em uma situação específica. Os meninos são considerados mais ativos, barulhentos e sujos, jogam futebol. As meninas mais sossegadas, submissas, asseadas, brincam de cozinha, gostam de música, preferem roupas cor de rosa a roupas azuis; sabemos, no entanto, que o comportamento de cada um, homem e mulher, o papel que assume, é, antes de tudo, resultado de uma determinada cultura ou época. A tendência é de adaptação e cumprimento do papel que a sociedade lhe atribui. Por exemplo, fica quase vedado ao homem dizer: “Estou muito triste, mas sou um homem, e homem não chora. Se choro vão dizer que sou mulher.” Espera-se que a mulher feminina seja erótica, provoque, seja bastante atraente para os homens e que estes, por sua vez, reajam, sintam-se atraídos por elas.

Em síntese, tais papéis sociais passam pela cultura, pelos costumes, pelas práticas cotidianas dos povos, e, conforme a visão que se tem do mundo, também pelos diversos estágios históricos das relações de produção. Por serem construções sociais, históricas e culturais são também desconstruídas nas diversas instâncias que compõem a sociedade. Porém a família, sendo uma instituição significativa, desempenha um papel de maior importância ao transmitir e modelar a manutenção desses modelos e papéis a serem vividos em relação à sexualidade e ao desempenho da mesma.

2.4. A Família: uma Instituição Patriarcal como Transmissora e Modeladora da Sexualidade e sua Constituição Cultural

A origem do termo “família” vem do vocabulário latino *Famulus*, que significa escrava doméstica. Entendida como organismo social, a família consolidou-se enquanto instituição na Roma Antiga. A família romana era centrada na figura do homem, sendo a mulher, no geral, reduzida a um ser inferior e submissa.²⁰

“Na Roma pré-histórica, como em todas as outras civilizações mediterrâneas, a propriedade e o poder eram transmitidos através da linhagem feminina e os antigos reis só estavam habilitados a governar pelo direito do casamento com qualquer mulher que herdasse a terra e o trono. Nesse caso, também os homens conseguiram subordinar as mulheres, assumindo o controle e institucionalizando formas de casamento patriarcais. Como os homens da antiga Grécia, os homens romanos agora monopolizavam o poder através da posse da terra e de suas próprias estruturas políticas recém-criadas; mas em Roma o *paterfamilias*, literalmente o pai da família detinha poder absoluto sobre sua esposa, filhos e escravos, a ponto de ter o direito, conferido por lei, de condená-los à morte e matá-los sem temer represália ou interferência do Estado.”²¹

O patriarcado não designa apenas o poder do pai, mas o poder dos homens enquanto categoria social. É uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos:

1. as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens; e
2. os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos.

Portanto, a família não é algo biológico, natural ou dado, mas produto de formas históricas de organização entre os humanos, que foram inventados pelas necessidades materiais da história de sobrevivência e de reprodução da espécie. E uma das formas de organização familiar foi a família patriarcal, centrada no poder masculino. Houve e ainda há outras configurações de famílias chefiadas por mulheres centradas na figura e na descendência feminina. Na antiguidade, este tipo de organização foi comum nos clãs, já que se desconhecia a participação masculina na reprodução. A partir dessa descoberta, os homens passavam a confinar as mulheres a fim de garantir sua descendência.

²⁰ MACHADO, A. **Família Patriarcal**. Boletim eletrônico - Psicologia & Sociedade. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php? = S0102-71822006000100007. Acessado em: 25/05/2008.

²¹ ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Ventos, 1992, p. 55.

Mas, no decorrer da história, o patriarcalismo foi sofrendo transformações, de um patriarcalismo contemporâneo que foi alterando suas configurações numa forma de patriarcalismo moderno, mas permanecendo ainda na atualidade suas características. No entanto, coexistem valores contemporâneos e tradicionais nas definições de papéis nas diversas configurações familiares. Sobretudo em famílias marcadas por relações de violência, a hierarquia e a obediência do grupo familiar à figura masculina, são características das organizações patriarcais, que são naturalizados e legitimam diversas formas de abusos masculinos, inclusive os sexuais.

Na medida em que a família é identificada como a principal instituição social que organiza as relações sexuais entre os gêneros, o controle social é visto como algo que atua diretamente sobre o corpo das mulheres, cuja identidade principal é a de mãe, e cuja sexualidade é socialmente aceita somente na reprodução de filhos legítimos. A maternidade é um dos mitos de nossa cultura e, em seu nome, exerce forte controle das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais: ser mãe. A maternidade pode representar uma das mais belas realizações da mulher, porém pode também ser um instrumento de pressão e anulação, atribuindo sentimentos e funções da mãe como obrigatórios, por natureza – “instinto materno.”

No que diz respeito à sexualidade, seja no plano do entendimento sobre ela, seja nas atitudes sexuais, a pessoa pode estar consciente ou inconsciente, repetindo padrões intencionais de sua família, tanto de origem quanto de gerações anteriores.

O sistema repete padrões do passado que passam através da comunicação, das regras familiares e sociais, dos mitos, das hierarquias e da afetividade. O patriarcado pode reaparecer como se deu no passado, ou de uma forma quase irreconhecível para o sistema atual.

É através da educação familiar que se dá processo de transmissão de padrões duradouros de comportamentos, que estabelecem um conjunto geral de sentimentos em relação ao corpo e interiorizam a identidade sexual. Portanto, assim constrói a consciência das diferenças dos órgãos sexuais e da concepção de gênero masculino e feminino – o que é ser homem e o que é ser mulher.

Pela família são transmitidos os valores sexuais que se costumam basear no binômio da sexualidade/autoridade; geralmente, a fala sobre a sexualidade é diferente de

como é vivida pelos membros da família. É transmitida pelo tom de voz, expressão facial, as quais nem sempre são coerentes com o modo de olhar e com a postura corporal dos educadores, ou se os pais não agem com naturalidade, mas com preconceito, sem cultivar o contato físico saudável com os filhos, essa vivência sexual pode ser prejudicial, pois a melhor maneira de transmitir essa realidade está relacionada à maneira de como a sexualidade é vivenciada no ambiente familiar.

A família é o terreno privilegiado para o aprendizado de normas, valores e na desconstrução da normatização patriarcal. Os papéis familiares são normatizados pela socialização e convívio familiar onde a criança internaliza o modelo masculino e feminino, observando e absolvendo o comportamento do pai, da mãe e suas transmissões de valores. Os pais costumam ser mais fortes e violentos ao brincar com os meninos, dando-lhes brinquedos como carrinhos e armas e mais ternos e carinhos com as meninas, oferecendo-lhes bonecas e panelinhas. A menina é ensinada a cozinhar, limpar e tomar conta dos irmãos menores, ser recatada e mais sensível aos relacionamentos, evitar a competição, ser mais carinhosa, obediente e obter suas reivindicações por meio de sedução e artifícios. E, assim, educa-se a mulher para satisfazer o desejo dos outros e não o seu próprio, preparando-a assim para o casamento, a maternidade e a dependência.²² Nos últimos tempos, vem-se transformando esta cultura sedimentada das estruturas e ideologia de gênero, facilitando uma mudança de comportamento de homens e mulheres em transformação. À medida que homens e mulheres, apesar das normatizações impostas, são capazes de resistência e de subversão mostrando-se plurais e heterogêneos para a subversiva e criativa re-invenção de papéis e de relações, é possível a construção de relações mais igualitárias.

Felizmente, o enfraquecimento do abuso do poder patriarcal passa pela desmistificação de sistemas históricos e culturais arcaicos em relação ao poder do sujeito masculino e, à medida que a reflexão de gênero ganha espaço e força conjuntamente entre mulheres e homens, desconstrói o que parece natural. Como exemplo, temos no Brasil a recente Lei 11.340/06 que ganhou o nome de Maria da Penha, alterando assim o Código Penal Brasileiro em favor das mulheres vítimas de violência doméstica e sexual.

²² SEIXAS, R.M.A. *Sexualidade feminina - História, cultura, família, personalidade e psicodrama*. São Paulo: Ed. Senac, 1998, p. 185.

Na família, o processo de reconstrução vai, então, ser determinado pela revisão das normas de convivência relativas à virgindade, à fidelidade, à infidelidade e ao desejo sexual e ao poder, demonstrando todas as implicações desses aspectos com os campos reprodutivo, produtivo, político e relacional.

Estamos, atualmente, vivendo uma fase transitória de re-ordenação de todos aqueles elementos que regem a vida privada, sem, contudo, haver logrado uma redistribuição eficiente das tarefas domésticas entre homens e mulheres, de tal forma que as triplas jornadas de trabalho ainda são uma realidade daquele feminismo em dissolução. Em outras palavras, é a realidade da exploração das mulheres, a qual se torna mais palpável com a negação da submissão.

Um dos atributos patriarcais é ser o homem o provedor do grupo familiar para assim exercer a masculinidade e garantir o seu poder na sociedade. A retirada desse atributo, entretanto, quebra parte de sua identidade social. Essa é, então, uma questão séria e que provavelmente tem relações profundas com a violência masculina atual. Nesse sentido, cabe-nos perguntar: como as normas sociais sobre masculinidade contribuem para a violência? De que forma os padrões historicamente impostos geram tais violências? Desse modo, percebemos uma relação direta entre sexualidade e violência e, assim, cabe uma revisão dos padrões de sexualidade e relações de gênero.

Desse modo, o feminismo é referido na perspectiva de justiça social, contrapondo-se a todas as formas de exclusão social e propõe para homens e mulheres novos e iguais valores.

3. SEXUALIDADE QUE ARTICULA COM O CORPO E SUA CONSTRUÇÃO CULTURAL

Durante a história da humanidade, o corpo foi definido de diferentes formas. Assim, de acordo com a Revolução Industrial e ascensão do que hoje se denomina de modernidade, o corpo foi entendido cada vez mais sob a ótica mecanicista. Desse modo, de acordo com o filósofo Locke, que elaborou a primeira teoria moderna sobre o corpo, este é entendido como uma unidade de produção do *homo faber*.²³

Neste contexto, o ser humano é dono de seu corpo e de tudo o que se produz. Nesse sentido, enquanto o corpo produz não se pergunta o que ele realmente sente. Sendo assim, a intimidade é algo perigoso e os relacionamentos passam a ser, geralmente, desenraizados.

Entretanto, quando se fala de corporeidade, fala-se também de sexualidade, pois ambas se relacionam entre si. Embora a sexualidade seja muitas vezes associada aos atos genitais, ela não se restringe somente a esta realidade. Nesse sentido, ela se relaciona com todo o nosso ser. Ela se encontra, então, no centro da experiência de cada pessoa.

“Sexualidade significa muito mais do que excitação física e o orgasmo. Ligada à sexualidade da pessoa, está a capacidade de sentir afeto, de admirar outra pessoa, de se sentir emocionalmente próxima da outra, de se envolver com paixão. A sexualidade está no cerne da maravilhosa experiência humana de apaixonar-se – de sermos atingidos de tal maneira a outro ser humano, que passamos a avaliar a nossa vida não apenas em função daquilo que é bom para nós, mas, também, em função daquilo que é bom para o outro.”²⁴

Difundiu-se uma ideia de que nosso corpo é algo dado e acabado. E, neste mesmo sentido, pensou-se em relação à sexualidade. Desse modo, muitos acreditam que todas as pessoas vivem a sexualidade em seus corpos da mesma maneira. Entretanto, o lugar e a época vão dizer e atribuir significados próprios pelos quais as pessoas constroem sua vivência da sexualidade. Neste sentido, a sexualidade tem a ver com as relações entre as pessoas, relações estas que se estabelecem em uma sociedade própria.

²³ MUSSKOPF, S.A. Além do arco-íris: Corpo e corporeidade a partir de 1 Cor 12, 12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: **A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 149.

²⁴ HELMINIAK, A.D. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1994, p. 20.

Pode-se dizer, então, que a sexualidade tem a ver com cada indivíduo particularmente e com o coletivo, pois cada pessoa se insere numa sociedade específica.

Como ser humano, cada indivíduo vive sua sexualidade enquanto corpo. É através da corporeidade e de suas relações que se localiza no mundo e, a partir daí, estrutura sua vida.

A questão da dicotomia entre razão e corpo funcionou e ainda funciona durante muito tempo como instrumento de dominação de uma cultura sobre a outra. Neste caso, o sentido atribuído ao corpo depende, fundamentalmente, das condições sócio-econômicas em que vivem as pessoas. De acordo com Daniel Miguez, “os setores de mais baixo nível sócio-econômico tendem a incorporar em menor medida a concepção dualista e autorreguladora do corpo promovida pela radicalidade moderna.”²⁵.

Na atualidade, o corpo ocupa lugar central e se transforma em objeto de exposição; cresce o interesse com relação ao corpo. É possível, sem dúvida, considerar o corpo desde sua eloquência, seus silêncios, no trabalho, na vida conjugal, no cotidiano, nos diversos âmbitos. A vida em si é uma experiência que se tem com e no corpo.²⁶

Desse modo, a sexualidade é algo que faz parte da vida das pessoas e por isso ela se torna, de certa forma, universal e ao mesmo tempo também individual. A construção da sexualidade é, portanto, um processo construído lentamente, pois recebe influência de vários fatores, que imprimem no corpo sinais, marcas, posturas.

Nesse trabalho, cabe falar da sexualidade através de um olhar feminino, buscando ser capaz de delimitar as significações do corpo, que lhe são atribuídas por uma cultura determinada e que puderam se tornar, na maioria das vezes, fontes de opressão e dominação. É evidente que a sexualidade não se reduz à genitalidade, mas não podemos enfrentar a questão sem incluirmos a generalidade. A opressão e dominação não se dão apenas através de agressões diretas ao corpo feminino sexuado, mas através da linguagem que dá significado a cada corpo, linguagem que é também a leitura que “faço de meu corpo” e a leitura que “os outros fazem de meu corpo”.

²⁵ MIGUEZ, D. In: STEIL, A.C. **Corpo e cultura: questões de antropologia cultural**. Cap. 1. Corporeidade e Teologia. SOTER (org). São Paulo: Ed. Paulinas, 2005, p. 54.

²⁶ MATOS, S.I.M. **O corpo e a história: ocultar, expor e analisar**. Corporeidade e Teologia. SOTER (org). São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

Na linguagem corrente, por exemplo, há maneiras diferentes de falar do sexo feminino e do sexo masculino. Ao falar do feminino, a tendência à vulgarização e à desvalorização é maior. Em relação ao corpo feminino genital, faz-se importante localizar a vivência da sexualidade na procriação, no prazer e no desprazer sexual, lugares onde a dominação acontece. Ao mesmo tempo, o corpo genital revela a dominação e o poder; por outro lado, a esconde, dado o falso pudor de nossa sociedade patriarcal e o temor de novas agressões.

Como descreve a antropóloga mexicana Marcela Lagarde:

“a sexualidade é um terreno em que se cria e se exerce a experiência de gênero; não implica somente a violência, a brutalidade, a impunidade, a coação masculina sobre as mulheres, mas também a repressão do desejo feminino que provém da ignorância, da invisibilidade e do medo.”²⁷

É a partir do corpo biológico que se vai estruturando a sexualidade e, diante da multiplicidade de antropologias, o valor dado ao corpo, biologicamente, tem diversas tonalidades, desde o esvaziamento até o culto exaltado.

Não é possível falarmos de corpo sem abordarmos o antagonismo entre corpo e alma. Com a concepção dualista, deparamos sempre com a exaltação de um dos componentes em detrimento do outro: espírito ou matéria. As grandes culturas da humanidade privilegiaram o espírito e ignoraram a matéria, levando ao desprezo do corpo humano. Como consequência, desconfia-se da matéria e do prazer, valorizando a inteligência, o que vale é a consciência, a alma e o corpo são apenas instrumentos do corpo.

A visão dualista direciona para uma concepção oposta de uma separação absoluta entre o psiquismo e a corporeidade, entre o espírito e a matéria, entre o racional e o biológico. Para o materialismo, nas suas várias correntes e etapas da história, só existe a matéria, o espírito é apenas uma ilusão.

No contexto da escravidão, o materialismo considerou o corpo dos escravos como peças de venda. O valor dado era pela saúde e força corporal destinada para o

²⁷ LEGARDE, M. *Género y feminismo – desarrollo humano y democracia*. 2ª ed. Madrid: Editora Sulamerica, 1977, p. 59.

trabalho pesado. No contexto do capitalismo moderno, o valor do corpo se dá pela capacidade de movimentar máquinas. Já no neoliberalismo, o que realmente vale é a capacidade de criar novas alternativas: valorizar a inteligência. Tanto no capitalismo como no neoliberalismo, o corpo é um instrumento de produção e consumo. Na pós-modernidade da tecnologia avançada, vai depender do novo fator econômico de mover o público para a compra. Os grandes negócios se dão na compra e venda de produtos sempre mais desenvolvidos, mas que devem estar ligados ao corpo de um belo homem e de uma bela mulher.²⁸

Nessa nova conjuntura, caracteriza-se uma máxima valorização do corpo através de cirurgias plásticas, massagens, macrobióticos, *sex-shop*... Em quase todas as peças de publicidade e demais transações comerciais, o corpo físico, especialmente o feminino, é evidenciado no sentido de um objeto-produto, garantindo a continuidade e reforçando a ideia do corpo como artigo de compra e venda.

“O corpo das prostitutas é um lugar para conhecer a realidade particular desse setor e a da sociedade mais ampla. Pois, o corpo dessas mulheres tem uma história particular que está relacionada com a organização que faz uso desses corpos. A sociedade se organiza de tal forma que necessita de prostitutas para dar conta de uma demanda masculina.”²⁹

Em determinada época, usa-se o corpo da mulher para a reprodução, e a maternidade é entendida como algo natural da mulher. Biologicamente sim, mas não necessariamente deve determinar o seu papel social de mãe e nem sua sexualidade pode limitar-se somente à reprodução.

A sociedade na qual vivemos define muito bem o espaço da casa ao qual se destina a mulher e o espaço da rua comum aos homens. Atualmente, há uma expansão desse espaço com a presença da mulher no mercado de trabalho no meio universitário. Mas, culturalmente, a mulher e a casa separam-se: a mulher direita está na casa cuidando dos filhos e a mulher da rua ou “puta” está no espaço público.

Aos homens é permitido ter aventuras amorosas e isto inclusive favorece seu ego, sua identidade é pública e seu cotidiano foge da monotonia doméstica. As

²⁸ MOSER, A. **O Enigma da esfinge: A sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 54.

²⁹ JARSCHER H. **Prostitución: una perspectiva de relaciones de género**. Publicado PR: Creatividad y Cambio. Fevereiro de 1997, p. 6.

mulheres, ao contrário, são penalizadas pela autonomia sexual. Se engravidarem fora do casamento têm de buscar reconhecimento da paternidade da criança, a sociedade precisa reconhecer a paternidade, isto é, o filho nascido da mãe na realidade pertence ao pai. Poderíamos recordar a passagem evangélica João, capítulo 8, da mulher pecadora que é apedrejada ao ser pega por exercer o adultério, porém os homens que com ela o exerceram estavam livres da punição.

“A prostituição existe porque os homens gozam de impunidade e legitimação social para acesso ao corpo das mulheres, e seja mediante a força como o caso da violência ou mediante preço como acontece num ato de prostituição. A prostituição como assinala Celia Hofman é “uma violência remunerada”. Durante longos anos o acesso pela força ao corpo das mulheres tem sido aceito e ratificado pela sociedade, de igual forma que hoje é a prostituição; para sua comprovação basta ver as sentenças de nossos tribunais de absolvição e culpas que minimizam tais práticas. Um estudo realizado no Sul da África revela que 30% das adolescentes entrevistadas manifestaram que sua primeira experiência sexual se realizou sob coação. Outro estudo, no mesmo país, revelou em uma mostra sobre 300.000 jovens que um em cada quatro homens manifestou ter tido relações sexuais sem o consentimento da mulher, e expressaram sua convicção de que impor relações sexuais não é uma violência sexual se não uma relação sexual intensa.”³⁰

Diante dessa realidade, a prostituição é também uma questão de gênero. As mulheres são inferiores, como afirmou Pitágoras, grande filósofo grego do século VI A.C.: “Existe um princípio bom que criou a ordem, a luz e o Homem; um principio mal que criou o caos, a escuridão e a mulher.”

“A visão dominante é querer que o corpo da mulher seja lugar de reprodução e não de prazer. Todas as outras práticas que estão fora dessa função são tratadas como anormais: masturbação, homossexualidade etc. Assim, o fenômeno da prostituição precisa ser visto a partir do sistema familiar patriarcal rígido reinante nessas sociedades. Antes de discutir prostituição, precisamos falar sobre a família. Sociedade que dá ao sexo função genital procriadora e vinculada à estrutura da família a situações ambíguas. É o caso da atitude frente à prostituição, por exemplo (como as relações sexuais fora do matrimônio), é socialmente condenada. Ao mesmo tempo, é tolerada e até estimulada em sociedades que defendem a virgindade das meninas púberes solteiras de um lado, mas por outro lado, precisam resolver frustrações sexuais dos jovens solteiros e dos homens que se consideram mal casados e que foram educados para jamais confundir as suas honestas esposas com amantes voluptuosas e desavergonhadas.”³¹

³⁰ BULLIDO, C.R. **La prostitución: una cuestión de género, una cuestión de derechos humanos**. Revista La CIBELES, n. 0. Madrid, 2004, p. 5.

³¹ JARSCHER, H. **Prostitución: una perspectiva de relaciones de género**, publicado PR Creatividad y Cambio, Lima; Peru, fevereiro, 1997, p. 11; In: CHAUI, M. Op. Cit. p. 80-81.

3.1 O Corpo Feminino e a Prostituição

Frente à reflexão e relação que se quer fazer aqui, será necessária uma breve abordagem de como é a realidade de prostituição, para assim se compreender a relação do corpo feminino com ela. Nesse sentido, cabe ressaltar que a mulher que se insere no mundo da prostituição participa das mesmas condições históricas, culturais e econômicas que as outras mulheres. A isto se agregam outros condicionantes de marginalização-exclusão que submetem a mulher às mais distintas e diferentes situações.

De acordo com Regina Medeiros³², a prostituição em nossa sociedade é considerada uma atividade profissional (cujo fim é o prazer e não a procriação) em troca de um valor monetário e caracterizado pelo desapego afetivo. Está localizada em espaço público e inscrita no lugar do gozo sexual, portanto, simbolicamente, associada à negação do papel de procriação atribuída à mulher. Além do mais, a prostituta está instalada no espaço da rua-lugar do anonimato, do trabalho, de luta e de batalha, longe das obrigações do cuidado e do apoio à família, lugar do homem, sendo por isso, identificada como “mulher da vida”, “mulher da rua”, “mulher à-toa”.

Existe uma ambiguidade presente no mundo da prostituição, pois se por um lado a prostituição feminina é considerada uma atividade necessária para conter os conflitos sociais, para atender os desejos sexuais dos homens, o que a faz ser chamada de “um mal necessário”, por outro lado ela é vista como transgressão, pois aqueles que se inserem neste contexto fogem às normas morais estabelecidas. Falar de prostituição é falar de ambiguidades. Portanto, não é possível definir suas causas e consequências com apenas um dado, ao contrário, são vários os pontos para que possamos compreendê-la. Entretanto, vale ressaltar que a prostituição forma uma categoria, entre outras, estigmatizada e logo colocada à margem da sociedade.

A prostituição não pode ser considerada em todas as realidades da mesma forma. Cada região, cada local a interpreta de maneira diferenciada, relacionada aos significados sexuais que estruturam a vida da população.

³² MEDEIROS, R.P. **Prostituição e o Imaginário Popular**. Comunicação pessoal. V Encontro Rede de Pastoral Oblata, abril/maio de 2006, Salvador / BA.

De acordo com os padrões de nossa sociedade, o controle da sexualidade feminina é garantia de honra para os homens. O controle desta sexualidade é garantia da moral familiar. Nesse sentido, a vida sexual da mulher deve ser desenvolvida somente através de práticas sexuais permitidas. Tal realidade permite ao homem o controle social. Nesse caso, a mulher que se encontra em contexto de prostituição foge totalmente à regra. Ela desestrutura a organização hierárquica de poder do macho, colocando em jogo a superioridade de todos os homens da família. Além disso, ameaça as mulheres (ideologia da procriação), a família (perigo de desestruturação), e a sociedade (manutenção da ordem social). Por outro lado, a prostituta reforça a sexualidade e revalida a identidade de outros homens que, diante da sociedade, experimentam práticas sexuais fora do matrimônio, ou que buscam sua iniciação sexual, ou ainda alívio das tensões sexuais quando há falta de parceria, entre outros motivos em especial, com mulheres que eles não têm de controlar sexualmente. Então, a prostituta tem uma função importante na manutenção das relações conjugais. A prostituta feminina, nesse contexto, ocupa um espaço ambivalente, ora representa um comportamento transgressor, situando-se no lugar de ativo, ora situa-se no lugar de passivo para servir ao homem-norma (satisfação dos desejos sexuais) e à sociedade, minimizando os conflitos sociais e econômicos.³³

A mulher inserida neste contexto ocupa, então, um espaço de transgressão, entendida aqui como alguém que foge totalmente das regras estabelecidas.

De acordo com a história, existem alguns pressupostos significativos que expressam a construção do imaginário que se tem desta mulher. Na civilização grega, a prostituta representava uma espécie de intermediária entre as pessoas e o divino, ou seja, somente através dela, e mediante o orgasmo, os homens podiam ascender à divindade. A prostituta era considerada, sobretudo antes do século XII, a pessoa que tinha como função transmitir o prazer através dos jogos eróticos que provocam emoções, enquanto a mulher-esposa era a pessoa do amor, amor este que estava desvinculado do prazer sexual, a dicotomia feita com a imagem de Maria, como a mulher pura e virginal na qual as mulheres deveriam se espelhar.

Desde o século XVII, com o surgimento das enfermidades de transmissão sexual, principalmente a sífilis, a figura da mulher prostituta ganha outra conotação.

³³ MEDEIROS. R.P. *Fantásias y realidad en la prostitución*. 3ª ed. España: Editora Virus Crônica, 2002, p. 02.

Elas passam a ser responsabilizadas pelas doenças. Ela é considerada a responsável pela transmissão do “mal”, e isto se deve por causa de sua transgressão.

São várias as mudanças ocorridas na história com relação à sexualidade e que envolvem a construção do imaginário com relação à mulher, e mesmo estudos recentes que levam em consideração a questão de gênero. As diferenças sexuais demonstram que as demarcações são bem delimitadas. Entretanto, cabe ressaltar que a prostituição é um lugar de poder construído pelo cliente e a mulher, entre as próprias mulheres e todas as pessoas que estão envolvidas nestes espaços.

As relações que são estabelecidas pela prostituta e pelo cliente nestes espaços têm caráter econômico. Elas são estabelecidas através de uma interdependência entre as duas partes: o poder econômico do cliente e o poder de sedução da mulher. O poder do cliente existe até o momento em que ele escolhe a prostituta; depois há uma inversão de papéis, pois ela está em seu ambiente de trabalho, domina as normas e as redes de relações que são estabelecidas ali, possui a mercadoria que o cliente quer comprar, é identificada como aquela que sabe sobre o sexo proibido e inconfessável publicamente. A prostituta passa a assumir simbolicamente o lugar de sujeito ativo. Nesse sentido, há no mundo da prostituição, uma inversão de posição social através do sexo pago, inscrito entre a fantasia e a realidade.³⁴

A partir dessas observações, supomos que a prostituição possa ser um espaço onde a mulher exerce seu poder, ou talvez seja aí o espaço onde ela o assuma de forma mais eficaz.

3.2. O Corpo que tem Poder

Para melhor compreender as reflexões feitas até agora, observou-se durante as atividades realizadas na Pastoral da Mulher de Belo Horizonte – MG, nas diferentes oficinas de bate-papo, dinâmicas de autoconhecimento e relacionamento interpessoal, diálogos individuais, visitas a hotéis e praças, onde surge a necessidade de compreender qual é a relação deste corpo de mulher e como se estabelece a associação entre o corpo e o poder e o autonomia nos espaços onde exercem a prostituição.

³⁴ MEDEIROS, R.P. *Fantásias y realidad en la prostitución*. 3ª ed. Espanha: Editora Virus Crônica, 2002, p. 06.

Participaram deste trabalho dez mulheres em situação de prostituição que relataram suas experiências, sendo que três delas fazem parte da Pastoral da Mulher de Juazeiro/BA. Em diálogo livre, colocaram suas experiências e autorizaram a utilização do conteúdo para o presente trabalho e, igualmente as outras sete delas que fazem parte da Pastoral da Mulher em Belo Horizonte/MG. A idade varia entre 35 e 55 anos e todas elas têm mais de 10 anos na prostituição, sendo que quatro delas têm mais de 20 anos de “batalha”. Os nomes das mulheres estão preservados.

A Pastoral tem uma pedagogia de trabalho com mulheres pobres inseridas em contextos de prostituição. Essa proposta pedagógica desenvolve junto a elas processos de desenvolvimento humano e social desde sua realidade concreta e a sensibilização da sociedade sobre essa problemática social. Tal ação é a Missão do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor da qual a autora faz parte. A missão desta Instituição é trabalhar para resgatar a cidadania, fortalecendo a autoestima, ampliação do conhecimento sobre as questões sociais, de gênero e de saúde, entre outros.

A ação desenvolvida nos projetos de Pastoral da Instituição é através de três etapas: a **primeira etapa** consiste na aproximação e sensibilização da realidade das mulheres estabelecendo com elas relação de confiança e construções de vínculos. Neste momento, os agentes da Pastoral visitam os locais onde as mulheres “batalham” e iniciam aí um processo de conhecimento de sua realidade e o acompanhamento. Posteriormente, estas mulheres começam a participar dos espaços e das atividades desenvolvidas a partir do Plano de Formação da Pastoral. Tal participação fortalece esta relação de confiança, o que poderá desembocar na **segunda etapa** que consiste em um período de formação integral e capacitação da mulher. Ela é convocada a olhar para sua história e re-significar aquilo que ela julga importante. Também neste momento é tempo dela desenvolver suas habilidades e capacitações. Na **terceira etapa**, por sua vez, a mulher busca alternativas diferenciadas, seja através de iniciativas individuais, aprofundando suas capacitações profissionais, seja através da economia solidária, articulando-se com outros grupos da sociedade e consciente de seus direitos e deveres de cidadã. O objetivo primeiro não é “tirar a mulher da prostituição”, mas sim a sua humanização e respeitar sua decisão, sem esquecer, entretanto, a ambiguidade e o contexto social em que se inserem estas mulheres.

Todo este trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar composta por diferentes profissionais e colaboradores: assistentes sociais, pedagogos, psicólogos, educadores sociais, teólogas e teólogos. Há também parcerias com instituições governamentais e não-governamentais articuladas em redes e com entidades voltadas ao atendimento à mulher.

Nas oficinas de “Bate-Papo” realizadas semanalmente, trabalha-se como se dão as relações interpessoais nos espaços de prostituição nos quais estão inseridas: relação com os clientes, com os proprietários dos espaços e com as outras colegas de trabalho.

E na fluidez do bate-papo percebe-se como é exercido o poder entre o cliente e a mulher neste espaço de prostituição; há uma inter-relação de poderes. O homem exerce o poder econômico, possui a mercadoria que quer comprar: o sexo, e a mulher o poder de sedução. “Dependendo do valor, eu não vou não, porque aí é me desvalorizar, né?” (M.S., 37), “...quando estou negociando, já pergunto o preço, se não quer pagar o que eu quero, não aceito.” (C., 32). O poder do cliente chega até o momento da escolha, mas na realização do trabalho há uma inversão de papéis, através do sexo pago, a prostituta está agora com o poder de como conduzir, é ela quem sabe de sexo e este é seu ambiente de trabalho, ela é quem conhece e domina as normas e as redes de relações que são estabelecidas ali naquele espaço. “A gente tem que ter muito jogo de cintura, mas quem comanda a situação é a gente... basta ter jogo de cintura... tem que saber como falar... como agir... como seduzir o homem e com e o tempo a gente vai aprendendo. Precisa também pensar no relacionamento com as colegas de trabalho. Aqui só existe competição.” (A., 36).

Podemos analisar que, de acordo com os padrões de nossa sociedade, o controle da sexualidade feminina é a garantia de honra para os homens. No ambiente privado familiar, o homem tem o controle social da sexualidade feminina. A mulher tem como dever satisfazer o desejo masculino a qualquer momento ou situação em que ela se encontre. É o macho quem dita a ordem e a esposa modelo submete-se, associando-se à Virgem Maria como a mulher pura e virginal, na qual as esposas devem espelhar. Nesse caso, a mulher que se encontra em contexto de prostituição foge dessa regra. Ela desestrutura a organização hierárquica de poder do macho colocando em jogo a superioridade do homem. Vejamos nessa fala: “Quando pinta uma pessoa que o meu coração treme, eu falo para ele assim: você veste sua roupa eu não vou te cobrar nada e

você vai embora em paz” (M.J., 38). “Eu não sou obrigada a fazer o que você quer comigo, busque outra. Quando ele quer que eu faça algo que eu não gosto de fazer... se eu disser que não é não.” (K., 27).

E, por outro lado, quem sabe sobre o sexo proibido e inconfessável publicamente é a prostituta, que passa a assumir simbolicamente o lugar de sujeito ativo e, em muitas das vezes, fazendo o papel que encara como “de “psicóloga”, pois aquilo que é proibido no lar é permitido ao homem realizar suas fantasias e dialogar sobre suas dificuldades no exercício de sexualidade. “Já atendi muitos homens que se diziam muito machos que não conseguiam realizar o sexo com a mulher - esposa lá na sua casa.” Fui ensinando a ele até que conseguiu. A gente até faz como psicóloga. Nós é que sabemos das coisas que se passam com eles. Às vezes, não uso a camisinha, a gente tem que agradar o homem.” (S., 45).

Por outro lado, podemos perceber toda uma ideologia patriarcal e violenta que perpassa nessa fala: “...tem homem que é animal, quer ficar com a mulher como se a mulher fosse jumenta, uma pessoa qualquer, um objeto, mas se eu não gostar e ele me procurar digo: não, eu não vou sair com você.” (M.S., 37). Percebe-se uma cultura marcada por relações desiguais entre homens e mulheres baseada na superioridade masculina e inferioridade feminina. Essa desigualdade de gênero se expressa no exercício do poder: dominação/submissão em muitos aspectos da vida e especialmente nas relações sexuais onde a sexualidade está convertida em uma relação de poder. Na prostituição, o exercício de poder está evidente nas mais diversas situações de violência que muitas vezes chega até a morte. O homem adquire o direito de fazer o que quer com o corpo da mulher, pois está pagando para isso. Dadas as relações assimétricas entre cliente e prostituta e o poder que o dinheiro outorga ao cliente, a prostituição propicia brutalidade e violência por diversos mecanismos: o tráfico de seres humanos, a pornografia, *sex-shopping* que estão fundamentados na ideologia patriarcal que confere ao homem o direito de adquirir o acesso ao corpo da mulher mediante a conquista, a violação e o pagamento de dinheiro.

A mulher como um todo, devido às relações assimétricas de dominação e submissão, é vítima de muitas manifestações de discriminação e exploração. Sua dependência e falta de autonomia e a negociação de seu valor como pessoa são fatores que afetam a autoestima: “eu sou “puta” mesmo, por isso tenho que sofrer” (K., 35).

“...ele queria comandar... eu disse para ele: o seu tempo acabou... ele falou: eu não volto no seu quarto nunca mais... eu disse pra ele: não quero você no meu quarto. Mas, eu preciso do dinheiro e fica difícil sempre dizer não” (S., 42).

Outro fator a ser analisado em relação ao poder ligado à relação de gênero é a pobreza. Certamente, a prostituição tem sido para muitas e muitas mulheres um recurso para a sobrevivência. Sem sombra de dúvida, a pobreza é um fator que empurra mulheres para o mundo da prostituição. Mas, mais que considerar a pobreza como uma das causas da prostituição, temos que reconhecer que é o *status* secundário da mulher e a sua redução a objeto sexual que a condiciona a exercer a prostituição como meio de sobrevivência: “Mas, eu preciso de dinheiro” (S., 42).

3.3. A Psicologia da Prostituta

Abordar a psicologia da mulher que se prostitui é complexo e parece mais difícil. Principalmente com aquelas que o Projeto Pastoral da Mulher em situação de prostituição atinge. São pessoas submetidas durante muito tempo a vivências traumáticas e constantes episódios de violência de todos os tipos, que deixam de ser senhoras de seus pensamentos, de suas decisões, ficam literalmente invadidas pelos discursos e psiquismo de instâncias agressoras, ou seja, perdem seu espaço mental próprio. Ficam como que paralisadas, e mudança alguma pode processar-se espontaneamente em seus interiores. Elas precisam de um suporte externo para porem fim à sujeição, e é necessário o trabalho psicoterapêutico.

Dificulta a ação terapêutica se não levarmos em consideração que estão frequentemente sob influência do abandono dos pais, dos filhos e das instituições, das políticas públicas que, ao longo da história de vida, foram interiorizando atitudes de autodesvalorização, que se opõem a um trabalho de libertação e integração. Essas atitudes são um processo que permanece ativo e são influenciados na sua psicodinâmica por um longo tempo.

A própria ideologia patriarcal e machista internalizada parece que ainda passa despercebida e essa realidade expressa-se em suas falas onde, na maioria das vezes, o homem tem direito de exigir ou mesmo violentar o seu corpo. Talvez a ideia resultante da censura de um dos fenômenos mais antigos, a denominada “mais antiga profissão do

mundo”, esteja tão bem internalizada, que torna mais difícil acreditar em si mesma, que existe o poder de que é possível outro projeto de vida.

No início do processo do acompanhamento psicológico, predomina o receio; as palavras são medidas, ou antecipam, em diversos momentos, a explosão de emoções conturbadas.

À medida em que vão se vinculando à Equipe de Pastoral e ganhando maior tempo na participação das atividades do Projeto, há um receio de serem mais uma vez abandonadas. Para algumas, dificulta entrar em processo de crescimento, pois crescer é assumir a própria vida e nem sempre estão dispostas a pontuar aspectos de sua história, dos quais são responsáveis por estar onde estão. É difícil assumir essa verdade.

Gradativamente, surge o desejo de descobrir mais sobre este universo misterioso do ser mulher, resgatar a sua dignidade de sujeito; outro universo pode deslumbrar-se, já que este é revelado em seus corpos machucados, quase sempre seminus, com marcas e cicatrizes profundas e significativa desconfiança nas relações interpessoais, mas as novas relações e convivência desmistificam conceitos e preconceitos internalizados desde os primórdios da história através das relações de gênero.

A Psicologia nos ensina que os primeiros anos de vida constituem a etapa fundamental do desenvolvimento humano. É no desenvolvimento infantil que se podem encontrar as origens do sofrimento psicológico que leva à desadaptação posterior da pessoa em todas as suas dimensões.

Para algumas mulheres, esse desenvolvimento é duramente reprimido. A dor de uma infância de abusos fica para sempre. As consequências de privações infantis de toda espécie são um entrelaçamento de amor e ódio.

É o que podemos observar na vida da população com quem trabalhamos. Existem duas dimensões patogênicas primordiais que podem ser consideradas como a base do sofrimento psicológico: o abandono afetivo da família e, principalmente, da mãe e a culpabilidade. Quando se fala de culpabilidade, não se refere apenas a um mecanismo consciente ou a um comportamento culposo consciente. Mas, sim, à cultura que constrói a mulher a partir da culpa, como mecanismo de conservação das mulheres no lugar em que estão. “Sou ‘puta’ mesmo e por isso mereço estar onde estou” (C., 34).

Na grande maioria das mulheres que acompanhamos, pudemos encontrar, ao longo da sua história/narrativa, a temática do abandono nas suas diferentes formas. São marcas profundas em suas vidas, que constituem uma fonte de ruptura com a possibilidade da construção de um projeto de vida em sintonia aos sonhos de criança, adolescentes e fase adulta.

O abandono assume diferentes formas, desde o das figuras parentais, até com outras figuras prestadoras de cuidado (famílias adotivas por interesse de serviços domésticos) pouco gratificantes, passando por violência física e psicológica ou simbólica. No entanto, o que fica é a dor da ausência de afeto, que resulta de um profundo sentimento de abandono, desengano e desilusões. As falas dessas mulheres, ao que parece, são sentimentos de um deserto afetivo. Uma memória de vida sem saudades. Ao contrário: um alto índice de agressividade e o que origina uma baixa autoestima e desvalia: “Estou sofrendo porque eu mereço. Sou prostituta mesmo. Tenho que sofrer” (V., 40).

Esses fatores patogênicos vão afirmando uma evolução desacetada nas diferentes etapas da vida, levando consigo sentimentos depressivos que roubam todas as energias do Eu, o que muitas vezes não permite ultrapassar com sucesso e, nessa dinâmica de abandono, dificultar a internalização de um objeto de amor saudável para que o Eu possa sobreviver e evoluir. Embora muitas vezes, encontrem-se casos quase impossíveis de sobreviver, mas com a força da “resiliência” traçam projetos de vida tais como a participação de Projetos de sustentabilidade ou de grupos de Economia Solidária, tais como Grupo Girassol (Juazeiro / BA) e Grupo Afrodites (Belo Horizonte / MG) ou buscam iniciativas individuais de sustentabilidade.

A palavra “resiliência” foi tomada da Física e passada às Ciências Humanas. É a capacidade dos materiais de assimilar impactos sem se romperem, não só resistindo aos impactos, mas integrando a força que poderia ser destruidora, de tal forma que essa mesma força aumenta a sua força e gera um movimento interior. A resiliência comporta sofrimento e esforço, dor e trabalho. Pode ser desencadeada em situações humanas, tanto sociais como individuais.³⁵

³⁵ ANTUNES, C. **Resiliência**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, p. 13 e 19.

Um exemplo concreto de uma mulher com um histórico pessoal e familiar que a jogou no mundo da prostituição desde a sua infância e, conseqüentemente, ao consumo da droga. Um membro da equipe multidisciplinar no Projeto Social de Belo Horizonte, MG, trabalhava com o grupo de mulheres em situação de prostituição, quando foi pedido confeccionar um porta-joias com palitos de picolé. Enquanto se confeccionava o objeto, cada pessoa envolvida na atividade foi motivada a partilhar quais seriam as joias de sua vida e quais gostariam ainda de conquistar: “cavar túneis”, foi a resposta dessa mulher. Como assim, cavar túneis? “Vocês estão me ajudando a cavar o túnel, é difícil, mas eu vou cavar até chegar à mina, hoje eu me considero cidadã e vou chegar lá.” É uma metáfora da experiência humana de resiliência: “cavar túneis”, “chegar à mina”.

Esse caminho longo de mágoa, de agressão e abandono de referências afetivas internas leva a pessoa à retirada do investimento em si mesma e no espaço vivencial da Pastoral. As dificuldades de acreditar em si própria para a construção do seu presente através de um projeto de vida, às vezes, é fruto de longo tempo de investimento da equipe multidisciplinar do Projeto de Pastoral, pois nada se apresenta seguro para ela, a baixa estima, os sentimentos de inferioridade e de culpa assumem o papel principal: são seus principais autores. A culpa expressa como um todo, por tensão intrapsíquica, com o aparecimento de um estado de profundo mal-estar, de agressão, de enfrentamento ou com sofrimento contínuo de depressão.

Outro aspecto relevante é a expressão de dor no corpo, e mesmo as marcas de cicatrizes, pois grande parte dessas mulheres sofreu maus tratos desde cedo e em muitos casos ainda hoje os sofre. O que chama atenção é deparar-se com sua passividade atual frente à violência ou parecer tratar de algo já inscrito no seu corpo como memória emocional e corporal que, às vezes, em violências graves torna-se natural. Mas o que se percebe, ao serem objeto de abusos repetitivos, tanto no nível físico, como psicológico, as mulheres dessa situação quase nunca se sentiram estimadas durante a infância, adolescência e mesmo na vida adulta. Chegam ao Projeto de Pastoral com uma grande solidão e mesmo isolamento social, exigindo da equipe perspicácia para aproximá-las dessa realidade psíquica. Pessoas abusadas e não desejadas que cresceram marcadas pela dor física e emocional, como sendo a única forma de existirem. Por não vivenciarem o amor e afeto desde sua infância, rejeitam-se através de máscaras patológicas: automutilação, consumo do álcool e das diferentes drogas, automedicação, provocação de brigas perigosas, atitudes irreverentes. Esses comportamentos revelam a

dor psíquica e perda de sentido da vida “Por que viver, se a vida não presta?. É só sofrimento... Eu não presto, o meu destino é ser ‘puta’ mesmo” (S., 23). Mulheres que não tiveram uma ligação com o seu próprio corpo utilizam-no como meio de comunicação com o mundo externo.

Porém, no atendimento formalizado em oficinas e escuta individual e no estudo de casos, tem-se uma percepção de que a mulher pobre em situação de prostituição busca a humanização, quer ser feliz e aproximar-se de sua realidade. Porém, o processo de criação de vínculo é longo para se chegar à realidade da “mina”, desvendar a máscara que foi necessária para conseguir a sobrevivência psíquica e social. A dor é profunda; daí a dificuldade de levar avante um processo terapêutico.

O primeiro passo é relativo ao medo que a mulher apresenta de saber, e que o saber está inserido nos diversos aspectos da vida: medo de saber que sabe, medo de saber de seus desejos mais íntimos, medo de que necessita de respeito e autonomia e não merece uma relação onde é subjugada à humilhação física e psicológica, medo de desaprender a dependência de um homem que a subjuga, medo de tomar-se nas mãos e deparar com a verdade de que pode ter um projeto de vida diferente.

A dinâmica da culpabilidade é inspirada pela falsa moral e nutrida no cotidiano da relação dessa mulher com a sociedade; ela castiga-se, dando ao mesmo tempo a falsa ideia da absolvição; daí a fala de que precisa sofrer por ser mulher e “puta” são expressões muito corriqueiras nesse meio. Permite, conscientemente, sentir-se livre para repetir o ato da prostituição e viver o sentimento da ambiguidade. “Por que voltei? Ah! de fato, sou uma ‘puta’. Não mereço ser feliz! Tenho que ser ‘puta.’” (V., 50)

O corpo/poder parece que não “dá conta de toda a complexidade da profissão. O poder é limitado para que haja maior satisfação física e emocional e limita-se, já que não parece que outros “poderes” - social, profissional, familiar, sejam vivenciados a fim de que a identificação de gênero, o Ser Mulher, capacite-se em sentir afeto, admirar outras pessoas, sentir emocionalmente próxima da outra, ser reconhecida e fortalecida. Pois, a confirmação do Ser Mulher fica restrita ao poder do corpo momentaneamente, caracterizado pelo desapego afetivo, espaço onde é proibido viver a expressão da afetividade. “Minha mãe não gostava de mim quando criança, então, eu bebia detergente para ver o que acontecia e uma vez fui parar no hospital. Na escola, não conversava com ninguém e só usava roupa preta. Aprendi a ser feliz e aceitar o meu

corpo foi aqui na prostituição. Aqui os homens gostam de mim e do meu corpo. Sou valorizada nem que seja por pouco tempo. E é pouco mesmo, que importa?! Nunca gostei de ninguém na vida... é, eu gostaria, sim, de amar de verdade um homem.” (S., 23).

E, por último, encontram-se os indícios de depressão e em muitos casos a própria depressão instalada há anos.

Podemos considerar alguns fatores:

- 1) A sociedade consumista onde o sujeito não tem medida para ter. A mulher, como membro desta sociedade e ao mesmo tempo à margem da mesma, também busca consumir e, não conseguindo seguir os meios considerados, aceita-os normalmente, consome e são consumidas pela diversos tipos de droga, pelo sexo, pela fantasia e ilusão.
- 2) Somada ao sentimento de desvalorização que já é inerente à prostituta devido ao histórico da própria situação por ser mulher, a depressão vem como reforçadora desse quadro, já que um dos seus componentes gira em torno da visão negativista que a pessoa tem de si mesma, ou seja, a diminuição da autoestima.
- 3) A mulher prostituta jovem, apesar do medo e da insegurança que a cercam, tem no olhar aquele brilho de se saber desejada. Os riscos existem, mas o prazer é maior. O dinheiro fácil, a vida movimentada, parecem eternos. Em uma sociedade onde predomina o jovem e o belo, é penoso assistir ao declínio da juventude, a perda das formas, ao desinteresse do sexo masculino. Para aquelas que fizeram do corpo seu instrumento de trabalho, esse sentimento as desvalidarão silenciosamente, minando a sua autoestima.
- 4) A mulher mais velha vê-se cansada, deprimida, o olhar apagado. Foram-se as ilusões, e o que resta é apenas a luta pela sobrevivência. A depressão se instala como uma hostilidade reprimida, voltada contra si mesma. À beleza da juventude que se foi associa-se a perda, e a mulher se vê desamparada. E de cliente em cliente, a prostituta vai construindo sua solidão, seu

desamparo, vai se anulando a cada dia, restando o grande desafio de reconstruir a sua autoestima.³⁶

³⁶ GONTIGIO, C. V. **Prostituição, uma prática de condução aos quadros depressivos.** Caderno de debate Plural. FUNEC, nº 11, ano 1999, p. 31 e 32.

4. PROPOSTA DE AÇÃO: REFORÇO DA AUTOESTIMA DA MULHER PROSTITUTA

A autoestima é a capacidade que uma pessoa tem de confiar em si própria, de sentir capaz de poder enfrentar de forma adequada para si para os outros a própria necessidade e desejos próprios, conquistar seus ideais. Portanto, entende-se a avaliação que a pessoa faz de si mesma.

A autoestima, juntamente com o amor próprio, é a base para ser humana. Ela começa a se formar na infância, a partir de como os outros nos tratam. Ou seja, as experiências do passado exercem influência significativa na autoestima quando adultos. Perde-se a autoestima quando se passa por muitas decepções, frustrações, em situações de perda, ou quando não se é reconhecido para nada que faz. O que abala não é só a falta de reconhecimento por parte de alguém, mas principalmente a falta de reconhecimento por si próprio.

Diante destas questões, é fundamental o resgate dessa estrutura, e a mesma se dará à medida que a mulher encontre o fio, ou melhor, na metáfora da experiência humana da resiliência: “cavar túneis” – “chegar à mina...” Caminho que se constrói à medida que desperta para a sua individualidade e sonhos possíveis, para a reconciliação com seus valores mais íntimos. E, aí, traçar seu Projeto de Vida, pois no núcleo do ser está a força da vida.

Uma forma da mulher em situação de prostituição sentir-se sujeito de sua humanização e cidadã é ter presente uma **metodologia e pedagogia de trabalho** que centre a nossa ação como recurso e elemento baseados na filosofia do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor: “Pouco a pouco e somente pouco a pouco”, Antonia de Oviedo, fundadora do Instituto, 1870, Madrid, Espanha.

É através da escuta ativa e empática que se pode ajudar uma pessoa e, particularmente uma mulher pobre em situação de prostituição, marcada pelo estigma de “puta”, “prostituta”, a qual se encontra com dificuldades inerentes ao desconforto psicológico como: angustiada, emudecida, temerosa, violentada e mentalmente confusa. Não se pode apenas ouvi-la em silêncio. Faz-se necessário pontuar, ser propositiva.

É preciso favorecer espaços de acolhida incondicional e otimizar seus recursos psíquicos através da verbalização e compreensão de sua experiência e, gradativamente, chegar a uma visão crítica dessa experiência e reforçar a sua autoestima e capacitar-se para a re-opção à vida.

Conscientizar e elevar o nível de conhecimento pessoal e do contexto social em que está inserida – desconstruindo e construindo novamente a sua realidade de pessoa e cidadã de direitos e deveres.

Além do atendimento individualizado, faz-se necessário criar grupos terapêuticos que, através das mais variadas oficinas de bate-papo, dinâmicas, passeios culturais etc. favoreçam e possibilitem a melhora da autoestima.

Um fator fundamental é o respeito ao ritmo de cada mulher que traz marcas profundas de violência, é necessário dar tempo para a desconstrução de sua visão de mundo, das coisas, da vida, dos modelos de relações, de modo que aquilo que lhes parecia natural ou banal torne-se conteúdo de reflexão e favoreça a resignificação de atitudes.

Pontuar, processualmente por rupturas, as experiências violentas, por isso a paciência é essência no trabalho: “Pouco a pouco e somente pouco a pouco...”

Considerar a dificuldade significativa de estabelecer vínculos e manter a continuidade de processos terapêuticos; a fragmentação vivida dificulta a continuidade em processos terapêuticos.

Dentro dessa metodologia e pedagogia, considerar as etapas do processo, tais como:

- Facilitar a percepção do que lhe causa dano psicológico e físico, favorecendo nomear as situações que vivenciam.
- Facilitar a reconhecer as emoções e sentimentos que a vida na prostituição lhes traz e a compreensão aos atos de violência que são infringidos contra a sua dignidade de mulher.
- Favorecer a recuperação da autoestima e de sua capacidade de autonomia e reencontrar seus recursos pessoais, reconstruindo uma autoimagem positiva.

- Estabelecer limites, recusar situações que não lhes convêm, e proteger sua intimidade de invasões externas.
- Fortalecer o compromisso pessoal e grupal, oferecendo meios de resgatar a capacidade de responsabilizar-se pelo seu processo e o do outro.
- Ampliar sua percepção acerca do mundo e reaprender os limites sociais.
- Potencializar a redescoberta de habilidades com o aprendizado ou reaprendizado de um ofício segundo suas habilidades.

E faz-se necessário, na maioria das vezes, um acompanhamento pessoal ou grupal por um tempo significativo, usando os recursos psicológicos, saúde, espiritual, visitas familiares e locais de trabalho etc. àquelas que optam por uma outra realidade até adquirir solidez no seu processo de humanização.

Porém um dos grandes desafios nesse processo é a profunda inferioridade e desvalorização de si, a competição entre elas, fruto de uma autoestima baixa, dificultando um trabalho em equipe com a finalidade de alcançar os objetivos coletivamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o presente trabalho, concluo que a sexualidade humana é uma dimensão nuclear da pessoa, a qual favorece uma construção relacional saudável com a humanidade e com o cósmico.

A sua construção histórica é complexa e trabalha com diversidades de significados de crenças culturais, grupos familiares, vivências religiosas etc. que mudam conforme a época.

A construção da sexualidade feminina joga com esses fatores que passam pelas relações de gênero desiguais sobre o domínio do sujeito masculino, sendo fundamentadas nas raízes do sistema patriarcal da sexualidade, reforçando a desigualdade, discriminações e a vitimização da mulher.

A não aquisição de uma consciência crítica consolida paradigmas históricos e culturais de naturalização do sistema patriarcal: é natural a condição do homem sobre a mulher. Por essa razão, coloca-se em questão a redução da sexualidade feminina à mercadoria, principalmente num contexto de prostituição.

Desse modo, é fundamental e urgente aprofundar as raízes patriarcais diante da sexualidade feminina e suas consequências, com o objetivo de provocar uma vivência saudável da mesma, vivência esta baseada na alteridade como lugar de interpelação e de solidariedade como lugar de transformação.

A Psicologia é um dos recursos que facilita a percepção de si e do outro, o que lhe causa dano tanto psíquico como físico, contribui para o reconhecimento das emoções e sentimentos que dificultam viver a condição de sujeito que proporciona a autonomia e a capacidade de decisão. Comprometer-se consigo mesma no desenvolvimento de uma autoestima saudável, resgatando a sua capacidade de resiliência, compreendendo-se como sujeito histórico de transformação.

Assim, tem-se o uso do poder para a construção de nossas relações interpessoais que possibilitam o desenvolvimento da humanidade e do cosmo.

E, finalmente, a vivência de uma sexualidade integrada é base sólida que favorece desconstruções de relações de gêneros desiguais, com a formação de grupos de reflexão, em que mulheres e homens conscientizados são multiplicadores duma perspectiva de alteridade e solidariedade transformadoras de paradigmas mentais desumanizantes. E olhando o nosso presente e o passado do qual somos fruto, a poesia de Fernando Pessoa faz-se importante e indica cominhos profundos:

De tudo, ficaram três coisas:

a certeza de que estamos sempre começando...

a certeza de que é preciso continuar...

a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos

fazer da interrupção um caminho novo...

da queda um passo de dança...

do medo, uma escada...

do sonho uma ponte...

da procura... um encontro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública qualificada**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

ALMEDIA, L. SERRA, B., **Reflexão e análise sobre o desenvolvimento e o perfil psicológico das UNTENTS DA Obra social**. In: Quem levou o meu Ser? Mulheres de Rua, Ed.CNL/Divisão de Imprensa Municipal, Portugal, Lisboa, 2007, p. 173 - 198.

BULLIDO, C.R. **La prostitución: una cuestión de género, una cuestión de derechos humanos**. Revista La CIBELES, número 0. Madrid, 2004.

CAMARGO, A.M. **Relações entre mulheres na prostituição**. Texto apresentado pela autora por ocasião da conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá, 2005.

DA COSTA, P.R. **Os onze sexos, as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Kondo Ed., 2005.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. In: FREUD, S. Obras Completas. Vol.VII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

GONÇALVES, A.C.C. **Incesto: visão psicanalítica**. Comunicação pessoal. Aula do curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Sexual do UNISAL. São Paulo, 2007.

GONTIGIO, C.V. **Prostituição, uma prática de condução aos quadros depressivos**. Caderno de debate Plural. FUNEC, nº 11, 1999, p. 31 e 32.

HELMINIAK, A.D. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1994.

JARSCHER, H. **Prostitución: una perspectiva de relaciones de género**. Publicado, revista: Criatividade y Cambio. Lima, Peru, fevereiro de 1997, p. 11.

LEGARDE, M. **Género y feminismo – desarrollo humano y democracia**. 2ª ed. Madrid: Editora Sulamerica, 1977.

MACHADO, A. **Família Patriarcal**. Boletim eletrônico – Psicologia & Sociedade. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?so102-7182200600010007. Acessado em: 25/05/2008

MATOS, S.I.M. **O corpo e a história: ocultar, expor e analisar**. Corporeidade e Teologia. SOTER (org). São Paulo: Paulinas, 2005.

MEDEIROS, R.P. **Prostituição e o Imaginário Popular**. Comunicação pessoal. V Encontro Rede de Pastoral Oblata, abril/maio de 2006, Salvador / BA.

MEDEIROS, R.P. **Fantasías y realidad en la prostitución**. 3ª ed. España: Ed. Virus Crônica, 2002.

- MOSER, A. **O Enigma da esfinge: a sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- MUNHOZ, A. **A pré-história da teologia feminista**. Texto elaborado pela professora e trabalhado em aula. Teologia Feminista, Belo Horizonte, maio de 2005.
- MUNHOZ, A. **Compreensão de Gênero**. Comunicação pessoal. Faculdade de Teologia ISTA, Belo Horizonte, 2006.
- MUSSKOPF, S.A. **Além do arco-íris: Corpo e corporeidade a partir de 1 Cor 12, 12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay**. In: **A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- NEGI, Núcleo de Estudos de Gênero. **Diferentes, mas não desiguais**. Belo Horizonte: ISTA, 2005.
- OBAID, D.T. 2007, **Tráficos, prostituição e exploração sexual: questões de saúde sexual e reprodutiva, de gênero e direitos humanos**. Disponível: www.min-saude.pt/mr/donlyres. Acessado em 19/08/2008.
- PUELO, H.A. **La mujer marginada: una cuestión de género y no de sexo**. Madrid: Editora Covarrubias, 1996.
- ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Ventos, 1992.
- ROESE, A. **O que é Gênero - relações e gênero, feminismo, masculinidade, patriarcado**. Curso: Bíblia e Gênero. Belo Horizonte: CEBI/ISTA, 2005.
- ROJAS, E. **Amor y sexualidad**. Madrid: Ed. ABC, 1990, p. 48.
- SATRE, J., NIETO, F. **Às voltas com o sexo**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.
- SEIXAS, R.M.A. **Sexualidade feminina - História, cultura, família, personalidade e psicodrama**. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- SILVA, S.G. **Conflito Identitário: sexo e gênero na constituição das identidades**, 04/01/02. Disponível em: www.glssit.net/colunista/silva/psic.12.htm. Acessado em: 31/03/08.
- STEIL, A.C. **Corpo e cultura: questões de antropologia cultural**. P. 54. In: **Corporeidade e Teologia**. SOTER (org.) São Paulo: Paulinas, 2005.
- STOLLER, 1993, p. 29-30, In: SILVA, 2002.